

Redação, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Impressão e Esteriotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2397

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluído o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 6\$00; Estrangeiro, 6 meses 10\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

QUINTA FEIRA, 23 DE SETEMBRO DE 1925

## Digamos sempre a verdade!

Um revolucionário sincero nunca deve mentir. A verdade é para ele tão sagrada como a própria vida. Não devemos enganar os outros porque acabamos por nos enganarmos a nós próprios. Acerca da organização operária não nos devemos enganar, nem a nós, militantes, nem ao operariado. Não é conveniente que criemos ilusões acerca da nossa força para evitarmos desilusões futuras.

Há muito tempo que os efectivos dos sindicatos não se encontram tão reduzidos como agora. As associações de classe encontram-se desfalcadas de filiados. E dessa falta de sócios resulta para as organizações uma existência vegetativa. Os organismos operários vivem uma vida precária de ação e de recursos monetários. Essa falta de vida e de ação reflecte-se nos organismos centrais e por consequência na própria *Batalha*, que se encontra na mais afitiva das situações.

Impõe-se um trabalho de reorganização para o qual urge reunir, concentrar todos os esforços e boas vontades. É preciso ir despertar o operariado que comece a deixar-se vencer pelo mais perigoso dos desânimos.

Fazemos um trabalho intenso de propaganda associativa por toda a parte onde operários se encontram. Nas oficinas e campos cada operário consciente deve ser um propagandista entusiasta, fazendo ver aos seus companheiros de trabalho que, se a sua situação actual é miserável, isso se deve em parte à falta de união dos trabalhadores, à carência de espírito de solidariedade.

Se não se inicia imediatamente um trabalho forte de propaganda que traga aos organismos operários uma vitalidade nova, uma seiva de energia capaz de levantar outra vez a Organização Operária à altura a que já esteve, arriscamo-nos a ver desaparecer o resto do que ainda existe e se conserva só.

Esperamos que a revelação grave da situação do operariado por nós feita serenamente será apreciada pelos militantes, por todos os militantes que desejam ver a Organização forte e apta a desempenhar-se da sua missão.

Evitemos uma situação mais melindrosa do que a que atravessamos presentemente. Vamos para uma ação regeneradora que, se a nós próprios não aproveitará, aos nossos vindouros servirá de alguma cousa.

## Notas & Comentários

### Imprensa operária

As publicações de diverso carácter, integradas no movimento operário, são em número inacabável. Nenhum país, por muito atrasado que seja, deixa de contar na sua imprensa uma publicação da classe trabalhadora. Correspondem esta actividade ao progresso do movimento operário, que, ultrapassando as fronteiras convencionais dos estados burgueses e capitalistas, perde o seu aspecto nacional e assume um carácter largamente internacional. Paralelamente, nasceu uma imprensa sem feição peculiar ao país em cujo idioma se publica, mas interessante o operariado de todo o mundo. Está neste caso La Voix du Travail, boletim que mensalmente começou a publicar a Associação International dos Trabalhadores, à qual a C. G. T., portuguesa está aderente. A matéria contida nos seus primeiros dois números, que agora recebemos, refere-se copiosamente a todas as questões sociais da actualidade.

### New-York-Paris

O aviador René Fonck pretendia realizar uma prova até hoje nunca vista. Vir de New-York a Paris em 38 horas. Levaria, assim, tanto tempo para vencer a distância enorme que vai da Norte América à capital francesa, como o suó-expresso gasta de Lisboa a Paris. O seu plano falhou. O avião gigantesco caiu, carbonizando dois tripulantes. Parecia que Fonck pressentia o desenlace fatal porque hesitou muito na partida adiando constantemente a descolagem. Talvez tivesse contribuído para o desastre o facto de avião ter sido benzido pelos pais. Estamos, entretanto, convencidos de que mesmo sem benzeções católicas, em breve as viagens aéreas, de um só vôo, New-York-Paris hão-de ser tão banais como as carreiras dos transatlânticos.

### «Oh graxal!»

Alberto Xavier sente que ainda foi muito recente a sua colaboração com António Mário da Silva para que as pessoas preponderantes na actual situação possam esquecer a sua versatilidade — a versatilidade própria dum judeu que serve todos, para todos enredar e traír.

E, quanto mais desconfiam dele, mais ele se abre em salameques. Agora está publicando retratos de Mussolini a tomar arres de campo, retratos dos meninos de Muss-

# A BATALHA



DEIXEMOS OS SONHOS, VAMOS Á REALIDADE!

## E' preciso realizar os projectos de utilidade pública que jazem adormecidos!

Não há dinheiro? Haja vontade e ele aparecerá. O povo dará o que tem — o trabalho — para a realização de grandes obras de progresso

Queremos pontes, estradas, caminhos de ferro, escolas, metropolitanos, carreiras de navegação — tudo!

### Quem nos ajuda a despertar os que dormem sobre os projectos?

Há muito tempo que ouvimos falar na próxima realização de grandes projectos, de velhos projectos que em muitas viriam beneficiar a colectividade. Alguns são tão bonitos que a sedução maravilhosa do velho livro *Mil e uma noites* lhe ficaria a perder de vista.

Quando se fala na realização de grandes obras, o ingénuo povo que não tem negócios e vive sonhando progressos e embelezamentos, alvoroça-se, emociona-se e aplaude. Nunquim mais do que o povo deseja ver Lisboa transformada num grande porto moderno, carreiras de navegação para a África e para o Brasil, pontes sobre o Tejo, metropolitanos no sub-solo cruzando a cidade em todos os sentidos, mercados novos, o Parque Eduardo VII decentemente tratado, as estradas alcatroadas, combóios eléctricos por via férrea, aeroportos, pavimentos das ruas civilizados. O povo deseja tudo isso. E se ele

interviesse directamente na administração da causa pública todas essas inovações que, por enquanto, bailam na cabeça dos sonhadores, há muito estariam realizadas.

Mas o povo nada mais pode fazer senão sonhar. Limita-se a desejar, a esperar que os seus desejos caiam materializados do céu por uma vontade misteriosa, divina talvez.

E como o povo não pode por sua livre e espontânea vontade converter em realidade palpável os lindos projectos que se acumulam, e aqueles de que tudo depende não se esforçam por materializá-los tampouco, o país vai vogando nesta maré mansa da rotina atras dos outros países da Europa onde os nossos sonhos de agora são, há muito tempo, realidades banais.

Se se edificasse metade do que está projectado edificar-se, Portugal seria um país exemplar e não seria metido a ridículo pelos es-

trangeiros — e com razão, por muito que isso pese aos patriotas.

Não tem o povo culpa de que as entidades a quem incumbiria tratar destas questões de capital importância, as descurem completamente. O povo não tem culpa. Por isso mesmo não mereceria o epiteto do mais atrasado da Europa. As chamadas élites é que dão constantes provas da sua falência, da sua falta

de tacto administrativo.

O povo, a massa ignara, entusiasma-se por todas as obras de progresso e de cultura. E muitas vezes são os poderes públicos, com as suas peias burocráticas, com os seus entraves mesquinhos e até com os seus interesses limitados, que se opõem à vontade popular, evitando que esta realize obras de utilidade colectiva.

Todos nos recordamos do que sucedeu com a companhia de *A Batalha* e dos ferroviários do Sul e Sueste em favor da exploração das mi-

nas de carvão de Santa Suzana. Não houve interesse capitalista perante que não levantasse a sua barreira.

E esses interesses tiveram até influência na orientação do Estado que declarou de péssima qualidade um carvão que nas experiências provou tão bem como o de Cardiff.

É que é preciso, pois, neste momento que os projectos maravilhosos voltam a agitar-se, sedutores, ante os olhos do povo? Bragos disporneis? Há muitos. Dinheiro? Há empresas que o oferecem! Técnicos? Se não existem nacionais, vão buscá-los ao estrangeiro e cuidem quanto antes do ensino técnico em Portugal.

O povo está farto de sonhos. O povo quer realizações práticas. Ele dá o trabalho que é tudo quanto pode oferecer. Não se exime ao cumprimento do seu dever.

E' preciso acabar com a crise de trabalho neste país onde tudo está por fazer.

### CONTRA A CARESTIA

## E' amanhã que se realiza a primeira grande sessão de protesto

A subida de preço dos géneros e a venda de peixe

CASCAIS, 20.— Quando há dias nos refeiros à roubalheira infrene dos negociantes e comerciantes no preço dos géneros essenciais à vida, fizemo-lo páidamente.

O seu custo continua subindo sem razão que o justifique. Por exemplo: a cebola que estava a 80 centavos o quilo, vende-se presentemente a 150; o tomate, idem; batata e milhão a 1\$00 o quilo; uva a 2\$00, ovos a 8\$00 a dúzia, azeite a 9\$00.

Atribuem estes preços à mal colheita!

Mas como se comprehende que um negociante, como o da cebola, que tinha no mercado grande quantidade desse género e dia a dia venha aumentando o seu custo?

Acaso é a ele comprou mais caro devido a ser, este ano, exigua a colheita?

Isto só tem uma justificação: a forma de meter as mãos na bôla do consumidor, sem outro intuito que não seja a ganância.

Acaso é a ele comprou mais caro devido a ser, este ano, exigua a colheita?

Com o peixe pretende-se o mesmo. Os

negociantes, na mira de inutilizar a ação

reguladora da comissão municipal que pro

move a venda de peixe ao público, pro

curam indispor a população contra as me

didas adoptadas pela Câmara Municipal, para

explorarem os consumidores a seu bel-tante.

Não é intuito dessa comissão prejudicar aqueles que vivem do negócio do peixe, mas simplesmente obstar a que exercam uma exploração ignorável, vendendo o peixe pelo preço que muito bem entendam.

Há tempos, uma grande parte dos negociantes faziam a falta do peixe e iam vendê-lo, noutras localidades onde também rava este alimento, por preços exorbitantes.

A comissão administrativa da Câmara Municipal procurou impedir a repetição dessa negociação e resolveu que todo o peixe que estivesse a 80 centavos o quilo, vende-se presentemente a 150; o tomate, idem; batata e milhão a 1\$00 o quilo; uva a 2\$00, ovos a 8\$00 a dúzia, azeite a 9\$00.

E pouco? Entendemos que não.

O mesmo espírito existe para os negociantes do mercado que usfruem na venda de peixe um lucro de 30 por cento. Mas as vendeiras querem mais, são contrárias a essa ação reguladora da comissão, e nesse sentido promovem uma campanha de descredito, insinuando que se o peixe está caro é devido ao imposto de três por cento que a Câmara cobra.

Ora este imposto é lançado áqueles indivíduos que têm vender o peixe à lota e aos vendedores como à primeira vista parece, segundo pretendem fazer acreditar.

Não temos o propósito de defender a comissão, mas sómente fazer justiça ao seu procedimento na venda do peixe. Os seus envolvidos são os de regular o seu preço e evitar a exploração exagerada que faziam anteriormente.

Bem sabemos que isto não agrada ás vendeiras, porque assim ficam limitados os seus lucros, e dia a dia a razão da sua propaganda contra as medidas da comissão administrativa municipal.

PELO ESTRANGEIRO

## A participação dos operários mexicanos nos lucros das empresas

MEXICO, 21.— Está pendente de discussão no Parlamento, discussão que deve começar na próxima semana, um projecto estabelecendo a participação dos operários nos lucros das empresas e a regulamentação do horário de trabalho. Por este diploma, a ser integralmente aprovado, os sindicatos operários terão certa intervenção na administração das fábricas e de outros estabelecimentos industriais e comerciais.

O general Obregon não foi assassinado

O ex-presidente da República, general Obregon, do qual se disse no estrangeiro, infundadamente, que tinha sido assassinado, tem mantido, em face da questão religiosa, uma atitude de solidariedade ao presidente Calles. Está sendo muito discutido um seu discurso, pronunciado há dias, em que censurou asperamente a conduta dos católicos relativamente à boycotage, classificando-a de imprudente, pelas funestas consequências que pode trazer à economia nacional.

No Tribunal Militar Territorial, em Santa Clara, realizou-se o julgamento dos operários Manuel Viegas Carrascalão, António Pereira, José Gordinho, José Maria da Cruz e António Gonçalves, arguidos de pertencentes à Legião Vermelha.

Presidiu o coronel sr. Santos Guerra, tendo à sua esquerda o juiz auditor sr. dr. Lopes Vieira, e à direita o tenente-coronel sr. Bandeira de Lima.

Na bancada dos defensores viam-se os drs. Mário Monteiro, Orlando Marçal, Carlos Montez e o capitão sr. Simões.

A sentença que condena os réus: Manuel Viegas Carrascalão e António Pereira em 6 anos de degrado, José Gordinho em 4 anos de degrado e José Maria da Cruz e António Gonçalves em 2 anos de degrado, por pertencermos a uma associação de malfeitos denominada Legião Vermelha.

Homenagens e benefícios

O benefício que devia realizar-se no dia 26 do corrente em favor de José Segurado, ficou sem efeito, resolvendo a comissão promotora fazer uma subscrição pública para substituição do mesmo.

Por tudo isto, sr. redactor, que representa a expressão conjunta do que se tem passado conosco, já pode ver que não houve cobardia nem falta de cumprimento dos meus devo-

## A derrocada de Alhos Vedros

A firma Pinto & Gameiro responsável da miséria em que os corticeiros foram lançados

Quando da derrocada da fábrica pertencente à firma Cabeças, Ltd., em Alhos Vedros, fizemos salientar nestas colunas que o principal culpado do soterramento dos operários foi o industrial Gameiro, por conta de quem trabalhavam os operários que ficaram sob os escombros.

A responsabilidade deste industrial estava bem provada: a sua propriedade tinha-se deslocado do lugar próprio ameaçava fazer ruir o telhado. O sr. Gameiro em presença desse perigo, que era evidente, disse para os operários que não sucederia mal. E estes com receio de demissão ficaram a-pesar-de verem a morte junta deles.

Mas as responsabilidades do sr. Gameiro não ficam por aqui. Depois do sinistro essas responsabilidades aumentam.

A Companhia «Lex», onde estavam seguindo os sinistrados, devido a uma falcatrua daquele industrial e à pouca seriedade da sua companhia recusa-se a pagar, invocando pretextos pueris.

E o sr. Gameiro, o explorador que tem conseguido fartos proveitos à custa dos seus operários, também não paga aos sinistros.

Devido a esse facto os operários que ficaram sob os escombros atravessaram uma existência de confrangedoras misérias.

Há operários que há três dias não comem nem suas famílias. Os tugirios desses humildes trabalhadores, donde há muito tempo se ausentara a alegria, estão de luto. Há muitos dias que ali não entra uma cesta de pão. Há muitos dias que o alimento são lágrimas.

Todavia, o sr. Gameiro continua na sua aitude e a fome vai gerando muita revolta que amanhã será tarde para conter.

### O CASO DOS ESTUPEFICANTES

## Volta-se ao assunto para marcar a defesa do farmacêutico José Valentim visado pelos nossos comentários

Tinhamos pronunciado as derradeiras palavras sobre o caso das empolgas de «pan-topon». Dissemos o suficiente para provar a culpabilidade do dr. Drumond Borges e aguardávamos serenos o desfecho do drama.

res ou parcialidade de qualquer natureza, terminando por lamentar que uma má informação tivesse dado lugar a que eu me veja forçado a pedir agora a publicação destas linhas no brilhante jornal que v. tão proficiente dirige.

Confessa-se muito grato, o de v. etc., J. Valentim.

Diz o sr. Valentim que o seu nome, devido certamente a uma proposta da má fé de quem informou o jornalista, foi incluído no caso.

Seja-nos permitido lembrar que quem envolveu no caso o sr. Valentim foi o próprio dr. Drumond Borges na carta que publicou neste jornal. Vejamos o período da carta que fala naquela farmacéutico:

E, para melhor orientar v. venho informar-lhe de que acabo de ter conhecimento de que, forçado pelas razões que assistem ao clínico, o presidente da Associação dos Farmacêuticos Portugueses, convidado para dar o seu apoio moral ao colega, preferiu apresentar o seu pedido de demissão.

Lougo, com tristeza para a liga o sr. Valentim foi o dr. Drumond. E' à este senhor que se devem pedir responsabilidades e não a outra pessoa.

Quanto ao qualificativo de cobarde por ter entregado ao inimigo, é de cunha desse que o sr. Valentim nos prova que não se demitiu, forçado pelas razões que assistem ao clínico, do cargo de presidente da direcção da Associação dos Farmacêuticos, para não ter que dar o seu apoio moral ao colega.

Tem ainda a carta do sr. Valentim para nós um outro significado: o de provar que o dr. Drumond Borges mentiu em tudo que afirmou, mesmo quando esgrimiou com a solidariedade do sr. Valentim.

Apel que este Drumond é único na espécie!

## TEATRO SALAO FOZ

Matinée às 15 h.—Soirée às 21 h.

ULTIMOS ESPECTACULOS das notáveis artistas

## FABIOLA

(formosa coupletista-bailarina)

Trini Benitez

Encantadora cançoneta-bailarina

Primoroso concerto pela excelente orquestra de jazz: FOZ MELODY BAND

No ecran: Pela última vez AMOR

A VIDA—8 partes

BREVEMENTE: Trio Martins—

Pitússia e Odette Wanda

PREÇOS—Superior, 2000; Plateau ou Balcão, 800; Camarotes, 130; Fritas, 2000.

## O imperialismo francês perseguo os drusos...

BEYROUTH, 22.—As colunas móveis dispersaram bandos armados nos arredores de Damasco.

...e pacifica o Rift a tiro...

RABAT, 22.—As tropas francesas ocuparam Bab-Tameguita terminando assim a pacificação do norte de Guezzan.

## Um Gregório mais grotesco do que os reles fantoches

O sr. Gregório Pinto de Oliveira é um desses cavalheiros que por caprichos do acaso foi guindado à categoria de senhorio. Como todos os senhores gananciosos este Gregório entende que os inquilinos pagavam pouco e vê deles elevar as rendas das barracas que ele possue na Vila Maria, a Campolide.

Os inquilinos resistiram. E ao abrigo da lei não pagaram. Porém, mestre Gregório desde então persegue os inquilinos e insulta-os com epítetos injuriosos.

O inquilino José Martins Fontes, por ser um homem consciente e cumpridor dos seus deveres de trabalhador, tem sido a principal vítima.

Ainda ultimamente foi queixar-se a um pôsto da guarda republicana que existe próximo da Vila Maria, que o José Martins era agitador porque lia A Batalha.

É claro que ninguém o tomou a sério. Mas é muito provável que este Gregório prossiga na sua e ainda tenhamos de registar alguma inâmia.

## TIVOLI

Telefone N. 5474

“Matinée” às 3 h.—“Soirée” às 9 h.

## DUPLO AMOR

Super-produção dramática  
de Jean Epstein com NATHALIE LISSENKO e JEAN ANGELO

## POR BEM

Deliciosa comédia  
por CONSTANCE TALMADGE

## REVISTA MUNDIAL

Na “matinée” têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete inglês “Desna” são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios as últimas tiragens de correspondências registradas às 9 horas e das ordinárias até às 11 horas.

Em favor das escolas da C. Civil

A Comissão Escolar da Construção Civil realiza no próximo dia 2 de Outubro uma grandiosa récita a favor das suas escolas, levando à cena a engrangada revista “Sem pé nem cabeça”, que tanto agrado obteve na festa promovida a favor da A Batalha.

## As leis e a organização social

### Umas leis sancionam e glorificam o que outras condenam

O grande número de leis que os homens têm elaborado para regular a marcha dos povos, cremos que muitas delas se encontram em contradição umas com as outras, e raras são aquelas que estejam feitas obedecendo aos salutares princípios da razão e da justiça.

As leis, como li algures, são como as teias de aranha que prendem os pequenos insetos, deixando fugir os grandes.

Sófemos fazer um estudo minucioso da moralidade das leis burguesas, teríamos que escrever um volumoso livro.

Temos uma lei que não permite aos cidadãos o andarem munidos de arma de fogo, mas logo outra lei, ou qualquer cláusula da mesma, concede esse privilégio a todos aqueles que tirarem uma licença para esse fim, mediante uma determinada quantia.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Protestamos contra tudo isto e pedimos ao sr. administrador que dê as necessárias providências, aconselhando-o ao mesmo tempo a que não se deixe iludir com as informações dos seus “hábiles” subordinados.

A propósito do “belo” serviço da polícia cá da terra, vamos contar um facto para elucidar de toda gente:

Ha tempos foi preso o operário corticeiro Clemente Rodrigues Vila, que era acusado de dar fuga a um indivíduo de nacionalidade espanhola que se encontrava preso na cadeia de Vila da Feira. Provou-se que a acusação era falsa, mas isso não impedi que o Clemente estivesse a ferros durante oito dias, simplesmente porque os senhores agentes da polícia assim o entenderam. Era tal a vontade de inutilizar o Clemente que não tiveram dúvida em informar as autoridades de Vila da Feira dizendo que ele era autor de vários furtos e que tinha um largo cadastro. Finalmente verificou-se que aquele operário tem sido sempre dumha honestidade irrepreensível, vivendo do seu trabalho, nunca tendo sido preso. E aqui está como a polícia arranja cadastrados...C.

Porém, não devemos esquecer que esse grande número de desordens tão perniciosas à colectividade, se são, por assim dizer, uns verdadeiros abortos humanos, não deixam por isso de ser o desgraçado fruto dumha sociedade corrompida que ou não quis ou não soube educar, que os lançou à margem, dando-lhes como única escola o Limoero, onde mais o degradaram e perverteram.

Dão facadas e praticam tódas a casta de patifarias, porque são incultos e estúpidos, que nasceram, criaram-se e desenvolveram-se no meio do vício e do crime, mas contudo sabem muito bem que existe uma lei que aos vinte anos os faz entrar numa caserna, metendo-lhes nas mãos uma espingarda para dela fazerem uso, logo que lhes seja ordenado.

Sabem também que a mesma lei permite que um grandioso número de indivíduos, estes ilustrados peias escolas superiores, nascidos e criados no meio do fausto e da opulência, se dedicuem ao mister de exercitar e disciplinar homens, habilitando-os para, a um toque de clarim, eles se trucidarem mutuamente, e essa luta anti-humana está ao abrigo das leis que os mesmos homens fizeram.

Assim, aos que dão facadas, porque não nasceram em berço de ouro nem foram educados como deviam, abre-se-lhes as portas das prisões, e aqueles que no campo da batalha crêem o morticínio de milhões de homens na primavera da vida, são decorados e abertos de par em par as portas da glória.

Eis a moralidade das leis.

Custa a crer que, dando a Natureza aos homens os dons da fala e do raciocínio, ele não se tenha sabido compreender, encerrando pelo caminho da verdade, da razão e da justiça.

O que nós desejávamos, como idealistas que somos, era que os homens se competissem na nobre e altruísta missão que deviam desempenhar sobre a Terra, a qual era o amarelo se mutuamente, educarem-se e instruíssem-se sobre as bases dum ensino público e racional, exterminando para sempre ambícios, ódios, guerras e vinganças, e estabelecendo entre os povos as verdadeiras leis do Amor, Paz e Harmonia, que devem ser as sacrossantas leis das sociedades humanas.

Estão já anunciados o trio Martinez, Piñata e Odete Wanda.

Continua o Nacional em pleno triunfo com a sua nova peça “Para fazer amar loucamente...”, outro grande sucesso da explêndida companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo, que sobre ser um núcleo de artistas que conquistou rápida e justamente a estima e a admiração do público, é também a única no seu gênero que actualmente trabalha em Lisboa, sempre com o maior sucesso, obtendo grande êxito em todas as obras que põe em cena, como “Os filhos” e “Se tu quisesse”.

—Fabiola, formosíssima e encantadora cantista e bailarina que conquistou rápidamente o público de Lisboa, pela sua arte e pela sua beleza, está dando os seus últimos espetáculos no Teatro Salão Foz.

Continua em pleno sucesso a “castiza”, cançoneta e bailarina Trini Benitez que nos seus números caracteristicamente espanhóis, é sempre delirantemente aplaudida.

Estão já anunciados o trio Martinez, Piñata e Odete Wanda.

## Na cadeia de Vila Nova de Gaia vigora um regime bárbaro

VILA NOVA DE GAIÀ, 21.—Um jornal da vizinha cidade do Porto, sabendo toda a verdade, tem feito um silêncio criminoso sobre o espancamento de presos e sobre a alimentação que lhes é dada—esta alimentação se pode chamar—tão deficiente e pésima.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

Há lemos esse jornal, que sabe tudo, publicou uma carta dum preso que se queixa de que a polícia o tinha espancado bárbaramente. A polícia ficou um tanto arranhada e, talvez com medo de que se descobrissem as desumanidades por ela cometidas, obriou o preso autor da carta a ir à presença do administrador do concelho declarar ser falso terem-lhe batido negando também ser o autor da carta. E' fácil descobrir a razão porque o preso negou a veracidade dos factos.

Sabemos que o indivíduo que mais se evidenciou nos espancamentos foi o agente Cipriano, mais conhecido pelo “Dente de Ouro”. Não sabemos só nós, sabe-o toda a gente de Vila Nova de Gaia. Além dos espancamentos, que são patrocínados pelo “habil” chefe de polícia Alberto da Fonseca, aos presos é fornecida como alimentação uma lavagem que só a irracionalidade deixa dada, mas que os desgraçados são forçados a ingerir para não morrerem de fome.

## CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	2\$98	
Paris, cheque..	\$54,5	
Suica .....	378,5	
Bruxelas cheque	\$52,5	
New-York .....	19558	
Amsterdam .....	7585	
Italia, cheque .....	572	
Brasil .....	3500	
Praga .....	\$58	
Suecia, cheque .....	5524	
Austria, cheque .....	2577	
Berlim, .....	4567	

## ESPECTÁCULOS

Teatro.— Às 21,45 — «Para fazer-se amar loucamente...»  
Cinemas.— Às 21,30, — «A mosca de Milão». — Eten—Às 21 e às 22,45—«Cabaça de morangos». — Maria Vitoria—Às 21 e às 22,45—«Olaria». — Celta 305—Às 21—«Variedades». — Veredas—Às 21 e às 22,45—«O Pô de Arrozo». — Cinema L. Vicente (à Graça)—«Espectáculos» 3,2—«Salões e domingos com matinées». — Irenna Parque—«Lidas as noites Concertos»: diários.

CINEMAS  
Tivoli — Central — Condes — Chiado Terrasse — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Torre — Cine París.

## Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando Narino—Às 8 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—8 horas.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.  
Peito, sifilis—Dr. Correia Piqueiro—11 e às 12 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.  
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.  
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.  
Doenças das membranas—Dr. Emílio Paiva—2 horas.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.  
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.  
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.  
Câncer e radio—Dr. Cabral do Melo—4 horas.  
Raio X—Dr. Alencar Saldaña—4 horas.  
Análises—Dr. Gabriel Beato—1 hora.

**Mensesruação**  
Aparece rápidamente seja qual for a causa, tomado o  
**FERREOL**.  
Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.  
Envia-se pelo correio à cobrança.  
**FARMACIA CUNHA**  
R. da Escola Politécnica 16 e 18  
LISBOA

**ALIANÇA MUTUALISTA**  
Liga de Associações de Socorros Mútuos  
SEDE — Rua da Cruz das Palmeiras, 33 — LISBOA

## AVISO

Em cumprimento do §. 3º do art. 15.º dos nossos estatutos, avisam-se os srs. Delegados do exercício de 1925 de que se acham patentes desde já na Secretaria desta Liga os livros e mais documentos referentes a esse exercício.

Lisboa, 22 de Setembro de 1926.  
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral  
(a) Acácio Eduardo dos Santos

**ALPARGATAS**  
Soja de borracha, cozidas interiormente — Marca «IRROMPIVEL»  
A' venda nos bons estabelecimentos:  
(Mar.º o registrado)  
Fabricantes e vendas por grosso:  
**Raúl Ferreira**  
Rua Moraes Soares, 56

23-8-1926

OS MISTERIOS DO POVO

## Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

## AVISO AO PÚBLICO

Ampliação do 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de P. V.

## CONCESSÃO ESPECIAL

Pelo presente se faz público que esta Companhia concede aos consignatários que, durante o prazo máximo de um ano, contado da data da primeira remessa, tiverem recebido, ao abrigo da Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade, remessas de resinas de pinheiro, em bruto ou refinadas; borras de resina, breu vegetal ou mineral; colofonia; pez louro ou nege; áqua-raz; essência de terebentina e terebentina séca, por expedições de vagão completo ou pagando como tal, quando completadas a exportação pela barra do Douro ou pelo Pórtico de Leixões, os mesmos bónus de 10 %, 15 % e 20 %, conforme a tonelagem transportada, que pelo 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade, se concedeu para a exportação das mesmas mercadorias pela barra de Lisboa.

Observar-se-hão para esta concessão todas as condições constantes do supra-citado Aditamento, que o presente amplia, não podendo, porém, agruparem-se as remessas exportadas por um consignatário pela barra de Lisboa com as que o mesmo exporte a barra do Douro ou Pórtico de Leixões.

Aproveita-se também a oportunidade para esclarecer que a concessão estabelecida pelo 5.º Aditamento ao Complemento à Tarifa Especial Interna n.º 1 de pequena velocidade diz respeito aos consignatários das remessas, que é de facto quem exporta as mercadorias, e não aos expedidores como foi indicado.

Lisboa, 16 de Setembro de 1926.—O Director Geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

Serviço especial por motivo da feira e tourada em Vendas Novas no dia 19 de setembro de 1926

Por este motivo realizar-se há no dia 19 do corrente um comboio especial de Vendas Novas a Setúbal, com a seguinte marcha: Vendas Novas, partida, às 22 horas; Canha, chegada, 22,30; Lavre, 22,48; São Torcato, 23,08; Quinta Grande, 23,36; Coruche, 23,48; Agolada, 0,24; Marinhais, 0,57; Muge, 1,11; Morgado, 1,31; Setúbal, 1,43.

Lisboa, 16 de setembro de 1926.—O director geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

CONSELHO TÉCNICO  
DA  
CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, zadrões, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as provéniências.

Telefone — 539 Trindade  
Escritório:  
Caçada do Cambra, 38-A, 2º

Um livro interessante  
Acaba de ser posto à venda  
uma bela obra de  
RICARDO MELLA,

**IDEARIO**,  
que consta dum volume  
de 336 páginas dividido  
nos seguintes capítulos:  
Doctrina — Crítica Social — Educação  
Libertária — Tática — Evolução e  
Revolução — Violência — Liberdade e  
Autoridade — Ensaios Filosóficos —  
Introdução à História do Brasil —  
Temas sociológicos — Pedagogia —  
Vida Espiritual — Homens Representati-  
tivos — Trabalhos Polémicos — Letras —  
Fragmento Inédito.

Preço 15\$00 — Pelo correio 16\$50  
Pedidos à Administração da  
A BATALHA

Fabricantes e vendas por grosso:

Raúl Ferreira

Rua Moraes Soares, 56

N.º 815

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

300

# A BATALHA

O trabalhador só colectivamente  
se poderá emancipar.

## A UNIDADE SINDICAL

Uma opinião pessoal acerca da propaganda a fazer entre os trabalhadores

A propósito da unidade sindical tem A Batalha publicado uma série de artigos que bem se podem considerar brados de alerta à família proletária, pois que, visando a união dos que num lauto constante se deixam envenenar lentamente e assassinar aos poucos por um trabalho violento e mal pago e por uma alimentação viciada e insuficiente, visam igualmente à libertação e à redenção dos humildes.

Difícil é prever a maneira como aqueles a quem se dirigem os recebem, pois que, dada a forma como em Portugal se tem usado, e até abusado, das frases violentas e dos escritos floridos, muito provável é que lhe façam "ouvidos de mercador, tanto mais que nós, que escrevemos e mostramos aos outros a necessidade inadiável de se unirem a defenderem-se dum corja infame que com um descalo inaudito os assalta ao balcão e os rouba nas oficinas, somos os primeiros a reconhecer e até mesmo a confessar a dificuldade em nos fazer acreditar.

Mas ainda mesmo que uma grande parte leia esses artigos e para elas tenha aquele acoitamento que eu lhe viúmo e mister é que tenham quem vai até essas longínquas terras da província, onde, devido a uma formidável crise de trabalho e a uma ambição criminosa, se acoita a fome e se alberga a miséria, dizer a esses pobres indivíduos, tão precisos à organização operária como o proletariado dos grandes centros, o significado desses artigos e a conveniência de os atender? Será acaso o poder da espada enlaçada à cruz que hoje ali impõe e domina, quem irá dizer a esses desgraçados, que têm o trabalho por dever e a taberna por distração, que é urgente se unirem e instruir-se para que se possam libertar da miséria e do sofrimento? Certamente que não, pois isso é missão que só a nós pertence e só à Organização Operária cumple...

Não pretendo, como à primeira vista pode parecer, combater a publicação desses artigos ou sequer negar a sua utilidade; bem pelo contrário, o que em pretendo desejo, porque o julgo indispensável, é fazer acompanhar esses escritos oportunos por uma larga e bem conduzida propaganda da palavrão, propaganda que vá dum extremo ao outro de pais e que mostre a essa multidão de escravizados, quanto diferente é o nosso ideal do ideal dos arquinhos da política e dos histriões da Igreja.

Bem sei que dois motivos fortes se opõem a esta parte do seu desejo: a falta de recursos e a situação anormal que o país atravessa; no entanto, e dada a sua conveniência e reconhecida utilidade, porque não faremos mais um esforço e porque mais um esforço não farão todos os sindicatos organizados conscientemente? Não terá ainda saído a hora de dizer ao mundo culto e idealista que o proletariado português, analfabeto como nenhum, é escravizado como poucos, se dispõe a sair do campo das teorias para entrar nos campos das realidades? Isto é, para fazer por suas mãos aquilo que a él diz respeito? Creio bem que sim!

Se chegou, porque não procurar unir todos no mesmo ideal e, em vez de se tentar debelar o mal pela rama, se não corta pela raiz, como, por exemplo, quando se procura combater a cestaria de vida pelo tabelamento de gêneros, mércia momentânea e de efeitos negativos, quando o que há a fazer é a expropriação da terra, a tomada dos utensílios, das oficinas, dos meios de produção? Bem sei que somos poucos e semelhantes ao mais ínfimo inseto ou larva, que o senhor afasta com o bico ou esmagá com o tacão do sapato. Mas tal é qual o inseto, ou seres infinitamente pequenos, que, ao agruparem-se, formando nuvens, constituindo batalhões compactos e inumeráveis, devoram os campos, somem fortunas e causam o terror, o pânico e a aflição; ao agruparmo-nos e ad cerrarmos fileiras, palácios, castelos e igrejas, ficarão reduzidos a terra, a pô a cinza, a nada, enfim!

Os precalcões de tódia a ordem que nestes desassos anos de pura ficção republicana, onde a palavra democrática tem sido constantemente substituída pela teocracia, a população trabalhadora tem sofrido, e as promessas dum relativo bem estar já mais foram cumpridas; promessas que tinham feito aqueles que, enjoados, ou desenganados, hoje, se encontram astafados dessa bombachota que para a estrabucha, são uns das tais poderosas causas dos tais ouvidos de mercador a que atuais me refiro.

No entanto, e com a mesma facilidade com que ela escuta e atende o actor da igreja—o padre—com a sua boca sempre biante e a sua bôla e estomago sempre vazios, ela atenderá e escutará os mentores do progresso, os pioneiros do futuro, da ciência e da libertação, quando eles lhe mostrarem, que é preciso lutar, caminhar na vanguarda do progresso, acompanhar a evolução dos tempos, para fazer cessar dum vez para sempre, a flagrante desigualdade de classes e de bens para que todos eles se dividam e todos eles se governem.

E certo que ainda algum tempo nós levaremos a alcançar a meta desejada pelo processo que ambicionamos pois que a tal se ha de opôr toda uma suia de afeminados parasitas que vegetam. Não nos iludimos. Podem eles, numa inconsciência tremenda, atrazar ou retardar a vitória, apoderando-se das chamadas cadeiras do poder, fechando escolas, dificultando-nos os meios de vida, ou cerceando-nos a liberdade, conseguindo destruir-nos, porque o progresso está tanto mais perto de nós quanto mais formos à sua conquista e ao fim alvejado pela Batalha; é uma questão de vida ou de morte. Ou nos unimos ou morremos! Portanto temos que nos unir e interessar todos nessa união. Desde o que tecem as sedas ao que lapida o diamante; do que apanha o peixe ao que amassa o pão; do que semeia o trigo ao que maneja a pena ou empunha o bisturi.

Todos, trabalhadores ou funcionários; médicos ou artistas; professores ou caixeiros; são vítimas do roubo, da escravidão e dos vícios desta pulrefacta sociedade ou meio em que vivemos. Todos eles são orfãos dum país sem estradas ou meios razoáveis de locomoção; dum terra sem instrução; a todos eles, pois, compete em

## LUTA DE CLASSES

Os chefes reformistas colaboraram com o governo e com o patronato para que se apresse a desastrosa derrota dos mineiros na Inglaterra

O conflito nas minas inglesas continua insolvel, intencionalmente para os operários nele envolvidos. Pode-se supor quanta energia dispõem na sua luta os mineiros ingleses, tão abandonados por todos, pelas Trade-Unions, pela Internacional reformista dos Mineiros e pela Internacional em Amsterdã.

Nas suas fileiras há já enormes claros. A fome faz devastação. Resta, ainda, um milhão de trabalhadores que lutam heroicamente contra o seu inimigo.

Ultimamente, o comité executivo dos mineiros fez proposta de novas negociações, mas os proprietários recusaram com uma insolência brutal. Quere que a fome obrigue os grandes lutadores à rendição, sem que se apercebem de que a fome faz descer as feras ao povoado. E, então... guerra aos famintos.

Os traidores que monopolizam a direcção das Trade-Unions ajudam ignominiosamente a tarefa dos proprietários. Não entendendo bastante a não prestação de auxílio aos lutadores, arrojam-se, onde não corram perigo, a aconselhar os mineiros a retomar o trabalho.

Assim, em Nottingham e Derby, os chefes reformistas fazem uma larga propaganda em favor da retomada do trabalho segundo as condições impostas pelos patrões e pelo governo. E, ao mesmo tempo que o sr. Baldwin vai em vigília para Aix-les-Bains, os mesmos chefes desinteressam-se do conflito. Contudo, três milhões de pessoas sofrem atração.

Mas que pensarão os dirigentes das Trade-Unions? Serão tão estúpidos quanto se mostram traidores? Não compreenderão que a derrota dos mineiros será de imediato mais explendorosa no seu diabolismo imperante; para que Roma, em cujas antecâmara o bispo Alvaro Pelayo nunca entrara nem dera com os cortezes a contar pilhas de dinheiros, levante mais fascinadora a sua grimpina ensorberedida—indispensável que se materialize a «constante oposição» seguida pelo temeroso bando de Maura, isto é: que se chacine, por entre patinações de sangue, todos aqueles que cometam a fervorosa petulância de protestarem com o bispo Melchior Cano: «Os que julgam que Roma há-de sarar, bem mal a conhecem. Nela está transformada a administração da Igreja numa feira, num sordido comércio judeu, reprovado por todas as leis divinas, humanas e naturais...»

Eis os resultados da política. Todos os sabujos ambicionam o poder, ou, pelo menos, procuram compatibilizá-lo com os adversários, como na Inglaterra, como em tódia a parte. Que importa a sorte dos mineiros, de todos os operários?... Nada prova que esses chefes não sonhem com o esmagamento da classe operária, para melhor a dominarem.

Que vergonha, se isto não servir de exemplo ao proletariado, em todos os países. Quando compreenderão os eternos iludidos, os roubados em todos os momentos, os traidos constantemente, que devem repelir a pontapé estes traidores palavrões?

**Os refinadores de açúcar continuam em greve**

Prossegue com firmeza a greve dos operários refinadores de açúcar.

Alguns operários menos conscientes iludidos por promessas dos industriais, que lhes garantiram um salário de 20 escudos se voltassem ao trabalho por 17, retomaram o labor. Isso não impediu, porém, que os operários mais conscientes prosseguissem na greve, não se deixando iludir por cantigas.

Lavra grande indignação na classe contra os industriais José Lúis Costa, da refinaria Ultramarina, casa Vilarinho & Ricardo, refinaria Brasileira e José Raúl de Carvalho por terem exercido represálias sobre alguns operários que substituíram por aprendizes.

## Corticeiros desempregados

Ontem voltou a comissão delegada da Federação Corticeira a procurar os ministros a quem anteriormente foi entregue pelos seus secretários uma extensa exposição advogando algumas medidas para o desenvolvimento da indústria corticeira, a fim da crise de trabalho que lava nesta indústria poder ser debelada.

Pelo ajudante de campo do general sr. Carmona foi notificado que o presidente do Ministério apresentaria à próxima reunião do conselho de ministros o assunto.

Também o capitão sr. Cabral, secretário do ministro da Agricultura, pediu aos comissionados que informassem o general Alves Pedrosa das reclamações que desejam apresentar ao titular da pasta de Agricultura.

A comissão comprometeu-se a satisfazer hoje o desejo do capitão Cabral.

A manha a comissão vai procurar o ministro das Finanças.

## O desrespeito ao horário de trabalho

Este ontem nesta redacção o operário pintor João Fernandes Seixo queixando-se contra o empreiteiro de estuque e pinturas António Marques de Assunção, que obriga os seus operários a trabalharem além do período normal, despedindo aqueles que não respeitem as suas ordens.

O operário Seixo impôs aquele empreiteiro a pena de despedimento por ele não querer trair o horário de trabalho.

E estes casos dão-se havendo uma lei que fixa em 8 horas a jornada máxima de trabalho.

Todos, trabalhadores ou funcionários; médicos ou artistas; professores ou caixeiros; são vítimas do roubo, da escravidão e dos vícios desta pulrefacta sociedade ou meio em que vivemos. Todos eles são orfãos dum país sem estradas ou meios razoáveis de locomoção; dum terra sem instrução; a todos eles, pois, compete em

## CRÓNICA DO PORTO

De como a palavra imperiosa de Roma católica se tornou obedecida pelos monárquicos que propagam a abstracção do integralismo

Um dos principais e sinistros escrevinhadores do órgão fascista da capital do norte, o que mais admira da ação reaccionária dos camelos realistas da «Action Française», é a sua «permanente aliança com as instruções de Roma, na sua apologia do pensamento pontifício, na sua infatigável polémica contra todas as seitas que a rebeldia de Lutero semeou no mundo religioso.»

E a apologia perversa francesa da massacradora de outrora, é um incitamento religiosamente bárbaro à degolação inquisitorial dos chamados *judeus*, *mesíacos*, *mágoas* e *protestantes*.

Nesta voragem sanguinária de exterminio romano-papalino, nem devem escapar quaisquer cardinais. Cantarini que ali indignamente apareceu a declarar com tódia a coragem na frente do próprio papá: — «Razão tinha Lutero em escrever no seu livro

— *Do Calvário de Babilónia*—que nada se podia imaginar de mais oposto à lei de Cristo, lei de liberdade, como é, do que este sistema que subjuga os cristãos ao papa e autoriza a fazer arbitrariamente leis, a abrogá-las ou dispensá-las. Era impossível que maior cativeiro esmagasse a cristandade.

Para que Roma antiga floresça em tódia a sua piúanca dominadora, para bem da integralidade moral e espiritual dos povos faturados; para que Roma papal, considerada por São Boaventura como uma «perdida que embriagava príncipes e povos com o vinho da sua crápula, porque lá se compravam e vendiam os cargos eclesiásticos, porque lá se juntavam os príncipes e soberanos da Igreja e que, juntos, se engolavam na devassidão, aderindo a Satanás e metendo a saque o tesouro de Cristo, tendo o povo percidido, miseravelmente, envenenado pelo clero e esmagado sob um acervo de maledicências, de avareza, de preguiça, de súicos e de corrupção de todo o género»—ressurria ainda mais explendorosa no seu diabolismo imperante; para que Roma, em cujas antecâmara o bispo Alvaro Pelayo nunca entrara nem dera com os cortezes a contar pilhas de dinheiros, levante mais fascinadora a sua grimpina ensorberedida—indispensável que se materialize a «constante oposição» seguida pelo temeroso bando de Maura, isto é: que se chacine, por entre patinações de sangue, todos aqueles que cometam a fervorosa petulância de protestarem com o bispo Melchior Cano: «Os que julgam que Roma há-de sarar, bem mal a conhecem. Nela está transformada a administração da Igreja numa feira, num sordido comércio judeu, reprovado por todas as leis divinas, humanas e naturais...»

E como a palavra imperiosa de Roma católica se tornou obedecida pelos monárquicos que propagam a abstracção do integralismo?

Um dos principais e sinistros escrevinhadores do órgão fascista da capital do norte, o que mais admira da ação reaccionária dos camelos realistas da «Action Française», é a sua «permanente aliança com as instruções de Roma, na sua apologia do pensamento pontifício, na sua infatigável polémica contra todas as seitas que a rebeldia de Lutero semeou no mundo religioso.»

E a apologia perversa francesa da massacradora de outrora, é um incitamento religiosamente bárbaro à degolação inquisitorial dos chamados *judeus*, *mesíacos*, *mágoas* e *protestantes*.

Nesta voragem sanguinária de exterminio romano-papalino, nem devem escapar quaisquer cardinais. Cantarini que ali indignamente apareceu a declarar com tódia a coragem na frente do próprio papá: — «Razão tinha Lutero em escrever no seu livro

— *Do Calvário de Babilónia*—que nada se podia imaginar de mais oposto à lei de Cristo, lei de liberdade, como é, do que este sistema que subjuga os cristãos ao papa e autoriza a fazer arbitrariamente leis, a abrogá-las ou dispensá-las. Era impossível que maior cativeiro esmagasse a cristandade.

Para que Roma antiga floresça em tódia a sua piúanca dominadora, para bem da integralidade moral e espiritual dos povos faturados; para que Roma papal, considerada por São Boaventura como uma «perdida que embriagava príncipes e povos com o vinho da sua crápula, porque lá se compravam e vendiam os cargos eclesiásticos, porque lá se juntavam os príncipes e soberanos da Igreja e que, juntos, se engolavam na devassidão, aderindo a Satanás e metendo a saque o tesouro de Cristo, tendo o povo percidido, miseravelmente, envenenado pelo clero e esmagado sob um acervo de maledicências, de avareza, de preguiça, de súicos e de corrupção de todo o género»—ressurria ainda mais explendorosa no seu diabolismo imperante; para que Roma, em cujas antecâmara o bispo Alvaro Pelayo nunca entrara nem dera com os cortezes a contar pilhas de dinheiros, levante mais fascinadora a sua grimpina ensorberedida—indispensável que se materialize a «constante oposição» seguida pelo temeroso bando de Maura, isto é: que se chacine, por entre patinações de sangue, todos aqueles que cometam a fervorosa petulância de protestarem com o bispo Melchior Cano: «Os que julgam que Roma há-de sarar, bem mal a conhecem. Nela está transformada a administração da Igreja numa feira, num sordido comércio judeu, reprovado por todas as leis divinas, humanas e naturais...»

E como a palavra imperiosa de Roma católica se tornou obedecida pelos monárquicos que propagam a abstracção do integralismo?

Um dos principais e sinistros escrevinhadores do órgão fascista da capital do norte, o que mais admira da ação reaccionária dos camelos realistas da «Action Française», é a sua «permanente aliança com as instruções de Roma, na sua apologia do pensamento pontifício, na sua infatigável polémica contra todas as seitas que a rebeldia de Lutero semeou no mundo religioso.»

E a apologia perversa francesa da massacradora de outrora, é um incitamento religiosamente bárbaro à degolação inquisitorial dos chamados *judeus*, *mesíacos*, *mágoas* e *protestantes*.

Nesta voragem sanguinária de exterminio romano-papalino, nem devem escapar quaisquer cardinais. Cantarini que ali indignamente apareceu a declarar com tódia a coragem na frente do próprio papá: — «Razão tinha Lutero em escrever no seu livro

— *Do Calvário de Babilónia*—que nada se podia imaginar de mais oposto à lei de Cristo, lei de liberdade, como é, do que este sistema que subjuga os cristãos ao papa e autoriza a fazer arbitrariamente leis, a abrogá-las ou dispensá-las. Era impossível que maior cativeiro esmagasse a cristandade.

Para que Roma antiga floresça em tódia a sua piúanca dominadora, para bem da integralidade moral e espiritual dos povos faturados; para que Roma papal, considerada por São Boaventura como uma «perdida que embriagava príncipes e povos com o vinho da sua crápula, porque lá se compravam e vendiam os cargos eclesiásticos, porque lá se juntavam os príncipes e soberanos da Igreja e que, juntos, se engolavam na devassidão, aderindo a Satanás e metendo a saque o tesouro de Cristo, tendo o povo percidido, miseravelmente, envenenado pelo clero e esmagado sob um acervo de maledicências, de avareza, de preguiça, de súicos e de corrupção de todo o género»—ressurria ainda mais explendorosa no seu diabolismo imperante; para que Roma, em cujas antecâmara o bispo Alvaro Pelayo nunca entrara nem dera com os cortezes a contar pilhas de dinheiros, levante mais fascinadora a sua grimpina ensorberedida—indispensável que se materialize a «constante oposição» seguida pelo temeroso bando de Maura, isto é: que se chacine, por entre patinações de sangue, todos aqueles que cometam a fervorosa petulância de protestarem com o bispo Melchior Cano: «Os que julgam que Roma há-de sarar, bem mal a conhecem. Nela está transformada a administração da Igreja numa feira, num sordido comércio judeu, reprovado por todas as leis divinas, humanas e naturais...»

E como a palavra imperiosa de Roma católica se tornou obedecida pelos monárquicos que propagam a abstracção do integralismo?

Um dos principais e sinistros escrevinhadores do órgão fascista da capital do norte, o que mais admira da ação reaccionária dos camelos realistas da «Action Française», é a sua «permanente aliança com as instruções de Roma, na sua apologia do pensamento pontifício, na sua infatigável polémica contra todas as seitas que a rebeldia de Lutero semeou no mundo religioso.»

E a apologia perversa francesa da massacradora de outrora, é um incitamento religiosamente bárbaro à degolação inquisitorial